

BROSETA PERGUNTA



TERESA CARDOSO DE MENEZES

Diretora-Geral da Informa D&B

 **BROSETA**

BROSETA - PORTUGAL,
SOCIEDADE DE ADVOGADOS, SP RL

Os números das empresas portuguesas confirmam que a nossa economia está cada vez mais digital?

Um dos sinais que a evolução do tecido empresarial nos fornece sobre a digitalização da economia é a vitalidade do setor das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). De acordo com os dados que apurámos na Informa D&B, nos últimos 10 anos, a criação de empresas deste setor praticamente duplicou. São empresas que estão a assumir um papel central na transformação digital da economia, pois são elas que criam as soluções que permitem fazer esta transição nas empresas de todos os outros setores.

Em 2020, a eclosão da pandemia de Covid-19 acelerou esta digitalização em alguns aspetos, promovendo o desenvolvimento de plataformas de contactos profissionais, de lazer e comércio.

Esta evolução ajuda a explicar o desempenho positivo das TIC em 2020, um ano em que a maioria dos setores mostrou uma tendência inversa, com quedas significativas no volume de negócios em relação a 2019.

Houve setores que se superaram em 2020, ao contrário de outros como o da restauração e o artístico. Nos setores que souberam vencer a crise - da maneira possível -, para além das características que lhes são próprias e que não os obrigaram a fechar portas, que particularidades tiveram de ter para se conseguirem manter erguidos?

As TIC voltam a estar em destaque quando analisamos o desempenho das empresas em 2020. Há apenas 4 setores - Tecnologias da Informação e Comunicação, Construção, Atividades imobiliárias e Agricultura e outros recursos naturais - que mostram crescimento nos seus negócios em 2020.

Entre os subsectores que mostraram maior crescimento do volume de negócios em 2020 estão 3 atividades ligadas à construção, um setor que não foi particularmente afetado pela pandemia. Estão também neste grupo com melhores resultados, atividades para quem o contexto resultou numa oportunidade, como o subsector industrial da saúde, o retalho generalista - com destaque para os supermercados, que em grande medida substituíram a restauração - e o subsector da informática das TIC, fruto da crescente procura de soluções de telecomunicações neste período.



Não é por acaso que, quando chegamos ao final de 2021, voltamos a encontrar uma relação próxima entre o retalho e as TIC, na criação de empresas de retalho online, uma atividade que durante a pandemia cresceu como nunca tinha crescido antes e que, dada a sua natureza, precisa de suporte digital para as suas vendas.

A inteligência artificial é um desafio, ou uma oportunidade, para as empresas e para o mercado de trabalho?

É um desafio e uma oportunidade, pois vejo-a como uma forma de tentarmos chegar mais longe, superando as nossas próprias limitações, como aliás já o fazemos quando entregamos aos sistemas informáticos uma quantidade de dados que a nossa memória não consegue suportar.

O conhecimento empresarial, como o que produzimos na Informa D&B, é um bom exemplo da utilização de tecnologias que geram uma informação com um rigor ao qual não teríamos acesso de outro modo, por causa da quantidade enorme de dados e variáveis envolvidas. E para quem se move no tecido empresarial isso é da maior relevância, pois constitui uma ajuda importante para lidar com a incerteza e para estabelecer a confiança necessária aos negócios.

O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem e de chegar rapidamente a respostas perante situações complexas e incertas será sem dúvida um passo importante. Mas também considero que aquilo que temos de aprender e as dúvidas que temos de enfrentar para chegar à inteligência artificial já são, por si só, fascinantes e enriquecedoras. Porque não é possível ensinar uma máquina a aprender se não conhecermos profundamente os mecanismos da aprendizagem, tal como não é possível ensinar uma máquina a ser criativa se não conhecermos a génese do processo criativo.

Do ponto de vista do emprego e do seu futuro, a história mostra-nos que as evoluções no mercado de trabalho não são inteiramente previsíveis. Temos hoje muitas profissões que são fruto da evolução tecnológica das últimas décadas, mas que não imaginávamos no início deste processo. Numa evolução que se dirige para uma progressiva digitalização do nosso ecossistema socioeconómico, a prevalência de profissões de perfil mais tecnológico parece ser mais óbvia. Mas sempre que existe uma mudança com esta profundidade, surgem também outro tipo de necessidades - estas muito menos óbvias e mais próximas dos *soft skills*, pois dizem respeito à forma como todos nós nos relacionamos e respondemos profissionalmente e como pessoas perante um novo ambiente.

